

COLLEEN HOUCK

O RESGATE DO TIGRE

Tradução de Raquel Lopes

I

WOU

Depois de horas de letargia, o avião aterrou por fim em Portland, no Oregon. Ao pôr os pés na pista alcatroada, desviei o olhar do terminal para o céu cinzento e nublado. Fechei os olhos e senti a brisa fresca, que transportava o cheiro da floresta. Uma humidade suave como orvalho repousou nos meus braços nus – devia ter chovido recentemente. Era bom estar em casa.

Inspirei fundo e senti o Oregon trazer-me de volta à realidade. Eu fazia parte daquele lugar, que também fazia parte de mim. Pertencia ali. Fora ali que crescera e passara toda a vida. As minhas raízes encontravam-se naquele sítio. Os meus pais e a minha avó estavam ali sepultados. O Oregon acolhia-me como a uma filha querida, envolvia-me nos seus braços, acalmava-me os pensamentos turbulentos e prometia-me paz.

Nilima seguira-me pelos degraus e esperava pacientemente enquanto eu absorvia o ambiente familiar. Ouvi o zumbir de um motor e vi um descapotável azul-cobalto a dobrar a esquina. O carro desportivo era da mesma cor dos olhos *dele*.

Deve ter sido Mr. Kadam a tratar do carro. Revirei os olhos em reação ao seu gosto dispendioso. Mr. Kadam pensava em todos os pormenores – e sempre em grande estilo. *Pelo menos o carro é alugado,* pensei.

Guardei as malas na bagageira e li o que dizia nas traseiras: *Porsche Boxster RS 60 Spyder.* Abanei a cabeça e murmurei:

– Caramba, Mr. Kadam. Eu podia perfeitamente ter apanhado o autocarro para Salem.



– Diga? – perguntou Nilima com delicadeza.

– Nada. Estou apenas contente por estar de volta.

Fechei a bagageira e deixei-me afundar no assento de pele azul e cinzenta. Fizemos a viagem em silêncio. Nilima sabia exatamente para onde ia, pelo que nem sequer lhe dei indicações. Limitei-me a recostar a cabeça e observar o céu e a paisagem verde pela janela.

Passaram por nós alguns carros cheios de rapazes adolescentes, que assobiaram. Admiravam a beleza exótica de Nilima, com o seu longo cabelo escuro ao vento, e o carro chamativo. Não sei ao certo o que inspirava os assobios, mas tinha a certeza de que não me eram dirigidos. Eu estava com uma *T-shirt* normalíssima, de ténis e calças de ganga. Algumas madeixas do meu cabelo castanho-dourado tinham-se soltado da trança e batiam-me na testa, nos olhos avermelhados e no rosto marcado por lágrimas. Também passaram alguns homens mais velhos, que abrandavam a velocidade para apreciarem a vista, embora não assobiassem. Nilima limitava-se a ignorá-los e eu pensava: *Devo estar com um aspeto tão mau por fora como me sinto por dentro.*

Quando chegámos ao centro de Salem, passámos pela ponte de Marion Street, que nos faria atravessar o rio Willamette e desembocar na autoestrada 22, em direção às quintas de Monmouth e Dallas. Tentei dizer a Nilima que deveria ter virado, mas ela limitou-se a encolher os ombros e respondeu que íamos por um atalho.

– Claro – respondi com sarcasmo –, o que são mais uns minutos numa viagem que dura há dias?

Nilima atirou o cabelo para trás, sorriu-me e continuou a conduzir, manobrando por entre o tráfego que se dirigia para a zona sul de Salem. Eu nunca tinha ido por ali. Era mesmo o caminho mais longo até Dallas.

Nilima levava o carro para uma colina. Ao longo de vários quilómetros, subimos lentamente pela estrada serpenteante, ladeada de árvores. Por entre o arvoredo, via algumas estradas de terra batida e uma ou outra casa, mas a maior parte da área encontrava-se intocada. Fiquei surpreendida por a cidade não a ter anexado e começado a construir ali. Era uma zona encantadora.

Nilima abrandou, virou para um dos caminhos privados e continuou sempre a subir. Apesar de termos passado por alguns acessos sinuosos, não vi quaisquer casas. Ao fundo da estrada, parámos em frente a uma vivenda geminada, aninhada no meio de um pinhal.



Eram duas construções idênticas, que formavam uma vivenda, e cada uma das casas geminadas tinha dois andares com uma garagem e um pequeno pátio comum. Ambas tinham janelas panorâmicas com vista para o arvoredo, os lambris de madeira eram verde-escuros e as telhas, verde-acinzentadas. De certa forma, fazia lembrar um chalé de esqui.

Nilima fez o carro deslizar suavemente para a garagem e desligou o motor.

– Chegámos – anunciou.

– Chegámos? O que quer dizer com isso? Não vai levar-me a casa dos meus pais adotivos? – perguntei-lhe, ainda mais confusa.

Nilima sorriu-me com um ar compreensivo e, num tom delicado, disse:

– Não. Esta é a sua casa.

– A minha casa? De que está a falar? Eu moro em Dallas. Quem é que vive aqui?

– A Kelsey. Venha comigo, vou explicar-lhe.

Passámos por uma lavandaria e entrámos na cozinha, que era pequena mas tinha acabamentos novos em aço inoxidável, cortinas amarelas e as paredes decoradas com limões em *stencil*. Nilima tirou duas garrafas de *Coca-Cola light* do frigorífico.

Larguei a mochila no chão e disse-lhe:

– Muito bem, Nilima, agora diga-me o que se passa.

Ela ignorou-me e ofereceu-me um dos refrigerantes, que recusei, e depois indicou-me que a seguisse.

Com um suspiro, descalcei os ténis para não sujar a alcatifa e segui-a para a sala de estar, que era pequena e acolhedora. Sentámo-nos num sofá de couro castanho e contemplei a estante alta cheia de livros com encadernações de luxo, que deveriam ter custado uma fortuna.

Nilima começou a remexer nuns papéis que estavam em cima de uma mesa de apoio.

– Kelsey – começou ela. – Esta casa é sua. Faz parte do pagamento pelo seu trabalho na Índia durante este verão.

– Eu não estive propriamente a trabalhar, Nilima.

– A Kelsey conseguiu muito mais do que qualquer um de nós esperava. Devemos-lhe imenso e esta é uma pequena forma de recompensarmos os seus esforços. Superou obstáculos tremendos e quase perdeu a vida. Estamos todos muito gratos pelo que fez.



– Bem, agora que põe as coisas nesses termos... Espere! Disse que a casa fazia *parte* do meu pagamento? Quer dizer que há mais?

– Sim – respondeu Nilima, assentindo com a cabeça.

– Não. Não posso aceitar que me ofereçam uma casa. É muito mais do que aquilo que tínhamos acordado. Eu só queria algum dinheiro para pagar os livros da escola. Ele não deveria ter feito isto.

– Kelsey, ele insistiu.

– Bem, terá de *desinsistir!* Isto é demasiado, Nilima. *A sério.*

Ela suspirou ao perceber a determinação férrea estampada no meu rosto.

– Ele quer mesmo que fique com a casa, Kelsey. Vai ficar contente.

– Ora, não é prático! Como é que apanho o autocarro para ir para as aulas? A minha intenção, agora que voltei, é inscrever-me na faculdade, e este sítio não fica lá muito perto das carreiras de transportes públicos.

Nilima fitou-me com uma expressão intrigada.

– Apanhar o autocarro? Suponho que, se quer mesmo ir de transportes públicos, pode sempre levar o carro até ao terminal.

– Levar o carro até ao terminal? Isso não faz sentido.

– Bem, *a menina* não está a fazer sentido. Porque não vai de carro para a escola?

– De carro? Em que carro?

– No que está na garagem, claro.

– O que está na... Oh, *não!* Nem pensar! Só *pode* estar a gozar comigo.

– Não, não estou. O *Porsche* é seu.

– *Oh, não, não é!* Sabe quanto custa aquele carro? Nem pensar!

Agarrei no telemóvel e procurei o número de Mr. Kadam, mas, antes de o marcar, perguntei:

– Há mais alguma coisa que eu deva saber?

Nilima fez um esgar.

– Bem... ele também tomou a liberdade de a inscrever na Western Oregon University. As suas propinas e os livros já estão pagos. Tem os livros na bancada, ao lado do horário, uma camisola dos *Lobos* e um mapa do *campus*.

– Ele inscreveu-me na WOU? – perguntei, incrédula. – Eu planeava frequentar a faculdade daqui e trabalhar... não ir para a WOU.



– Deve ter pensado que gostaria mais de uma universidade de re-
nome. As aulas começam para a semana. Quanto a trabalhar, pode fazê-
-lo, caso queira, mas não será necessário. Ele também abriu uma conta
bancária em seu nome. O cartão também está na bancada. Não se es-
queça de o assinar no verso.

Engoli em seco.

– E... hã... quanto dinheiro ao certo está nessa conta bancária?

Nilima encolheu os ombros.

– Não faço ideia, mas tenho a certeza de que será suficiente para
cobrir as suas despesas. Claro que nenhuma das contas virá para aqui.
Tudo será enviado diretamente para um contabilista. A casa e o carro
estão pagos, tal como todas as despesas académicas.

Fez deslizar um monte de papéis na minha direção e recostou-se
no sofá a bebericar a *Coca-Cola*.

Em choque, mantive-me imóvel durante um minuto, até que me
lembrei da decisão de telefonar a Mr. Kadam.

Nilima interrompeu-me.

– Tem a certeza de que quer devolver tudo isto, Miss Kelsey? Eu sei
que ele faz muita questão. Ele quer que tenha estas coisas.

– Bem, Mr. Kadam deveria saber que eu não preciso da caridade
dele. Vou simplesmente explicar-lhe que a faculdade daqui me serve
perfeitamente e que não me importo de morar no dormitório nem de
apanhar o autocarro.

– Mas, Miss Kelsey, não foi Mr. Kadam quem tratou de tudo isto.

– O quê? Se não foi Mr. Kadam, então quem... *Oh!* – Fechei o tele-
móvel com força. Eu não ia telefonar-*lhe*, nem por sombras. – Com que
então, *ele* faz muita questão, faz?

– Sim, diria que faz.

*Deixá-lo na Índia, a mais de 10 mil quilómetros de distância, quase
me dilacerara o coração, mas ainda assim ele conseguia encontrar uma
maneira de me manter aprisionada.*

– Muito bem – resmunguei entre dentes. – Seja como for, ele con-
segue sempre o que quer. De nada serviria devolver as coisas. Ele limi-
tar-se-ia a arranjar outra prenda extravagante que só complicaria ainda
mais a nossa relação.

Um carro buzinou no acesso da casa.

– Bom, é a minha boleia de volta ao aeroporto – disse Nilima, levan-
tando-se. – *Oh!* Quase me esquecia. Isto também é para si.



Passou-me um telemóvel novo em folha para a mão e deu-me um abraço rápido antes de se encaminhar para a porta.

– Espere! Nilima!

– Não se preocupe, Miss Kelsey. Vai correr tudo bem. A documentação de que precisa para a faculdade está na bancada da cozinha, há comida no frigorífico e todos os seus pertences estão no andar de cima. Pode levar o carro para ir visitar a sua família adotiva ainda hoje, se assim o desejar. Eles estão à espera de um telefonema seu.

Virou-se, saiu graciosamente pela porta e entrou no carro que a aguardava. Acenou-me alegremente, já sentada no lugar do passageiro. Retribuí com um aceno melancólico e fiquei a vê-la desaparecer. De repente, encontrava-me sozinha numa casa estranha, rodeada por uma floresta silenciosa.

Depois de Nilima se ir embora, decidi explorar o lugar que, a partir de então, passaria a ser o meu lar. Ao abrir o frigorífico, verifiquei que as prateleiras estavam de facto atestadas e, seguindo um palpite, espreitei a gaveta inferior – e descobri-a cheia de limões. Não havia dúvida de que aquela parte era obra de Mr. Kadam, que sabia que a limonada me reconfortava.

Contudo, o toque de Mr. Kadam não se ficava pela cozinha. A casa de banho do piso térreo estava decorada em tons de salva e limão, e até o sabonete no dispensador tinha aroma a limão.

Coloquei os ténis num cesto de vime a um canto da lavandaria, junto às máquinas de lavar e secar roupa, e avancei para um pequeno escritório.

O meu velho computador encontrava-se no centro da secretária mas, mesmo ao lado, havia um portátil novo. Um cadeirão de pele, um armário de arquivo e uma estante com papel e outros materiais de escritório completavam a divisão.

Agarrei na mochila e subi as escadas para ver o meu novo quarto. Encostada à parede estava uma grande cama de casal, encantadora, com um grosso edredão cor de marfim e almofadões cor de pêssego; aos pés, tinha um velho baú de madeira. A um canto, tinham sido dispostos cadeirões de leitura cor de pêssego, virados para a janela com vista para a floresta. Em cima da cama havia uma nota que me animou de imediato:



*Olá, Kelsey!
Bem-vinda a casa! Telefona assim que possas!
Queremos saber tudo acerca da tua viagem!
Arrumámos as tuas coisas todas.
Adoramos a tua casa nova!
Beijos,
Mike e Sarah*

Estar de regresso ao Oregon e ler a nota deles trouxe-me de volta à realidade. As suas vidas eram normais. A minha vida com eles era normal e seria bom estar com uma família normal e comportar-me como uma pessoa normal, para variar. Dormir no meio da selva, falar com deusas indianas, apaixonar-me por um... tigre – bem, nada disso era normal. Nem por sombras.

Abri o armário e constatei que todas as minhas roupas tinham sido trazidas da casa de Mike e Sarah. Quando abri a outra porta do armário, deparei-me com todas as roupas novas que me tinham comprado na Índia, bem como vários itens ainda em sacos de loja.

Mas como terá Mr. Kadam conseguido fazer com que isto chegasse cá antes de mim? Fechei a porta para deixar de ver aquelas roupas e afastar memórias antigas, determinada a não voltar a abrir aquele lado do armário.

Passando para a cómoda, abri a gaveta de cima. Sarah tinha arrumado as minhas meias tal como eu gostava, enroladas numa bola e organizadas por cores. Todavia, ao abrir a gaveta seguinte, o sorriso desapareceu-me do rosto. Encontrei o pijama de seda que deixara proposadamente na Índia.

Senti um aperto no peito quando toquei no tecido suave e fechei a gaveta com força, decidida a ir espreitar a casa de banho. No entanto, quando me virei para deixar a divisão, dei-me subitamente conta de um pormenor que me fez corar violentamente. O meu quarto era da cor de pêssego.

Deve ter sido ele a escolher estas cores. Uma vez disse-me que eu cheirava a pêssego com natas. Faz sentido que arranje uma maneira de me recordar dele, mesmo estando noutra continente. Como se eu conseguisse esquecer-me...



Atirei a mochila para cima da cama e arrependi-me logo, ao lembrar-me de que Fanindra continuava lá dentro. Depois de a tirar com cuidado e de lhe pedir desculpa, instalei-a numa almofada branca debruada a cor de pêssego. Acariciei-lhe a cabeça dourada durante um minuto e depois atarefei-me a separar as roupas da viagem.

Quando terminei, deitei-me na cama e tirei o meu novo telemóvel do bolso das calças de ganga. À semelhança de tudo o resto, era dispendioso e totalmente desnecessário, com *design* da Prada. Liguei o telemóvel, esperando que o número *dele* fosse o primeiro a aparecer, mas não. Também não tinha mensagens. Na verdade, os únicos números guardados na memória eram o de Mr. Kadam e dos meus pais adotivos.

Fui invadida por emoções contraditórias. Primeiro senti-me aliviada. Depois, intrigada. Em seguida, desapontada. Parte de mim pensava: *teria sido simpático ligar-me. Só para ver se cheguei bem.*

Irritada comigo mesma, telefonei aos meus pais adotivos e disse-lhes que estava em casa, cansada do voo, e que iria jantar com eles no dia seguinte. Ao desligar, fiz uma careta, perguntando-me que género de surpresa à base de tofu me estaria reservada. Contudo, qualquer que fosse a refeição que me servissem, não me importaria, desde que pudesse vê-los.

Desci ao piso térreo, liguei a aparelhagem, preparei um lanche com fatias de maçã e manteiga de amendoim e comecei a folhear os papéis da faculdade que estavam em cima da bancada. Mr. Kadam escolhera Estudos Internacionais e História da Arte.

Olhei para o meu horário. Mr. Kadam conseguira que eu, uma caloiira, tivesse aulas de nível avançado. E não só: inscrevera-me em aulas para o primeiro e o segundo semestre – apesar de as inscrições ainda não estarem abertas.

A WOU deve ter recebido um belo donativo da Índia, pensei, sorrindo para mim mesma. Não me surpreenderia se construíssem um novo edifício no campus este ano.

**KELSEY HAYES, N.º DE ALUNO: 69428L7
WESTERN OREGON UNIVERSITY**

1.º SEMESTRE

Metodologia do Trabalho Científico 115 (4 créditos).

Introdução à escrita de uma tese.



Latim I 101 (4 créditos). *Introdução ao Latim.*

Antropologia 476 D: Religião e Ritual (4 créditos). *Estudo das práticas religiosas no mundo. A disciplina delinea a observância religiosa numa perspetiva antropológica, concentrando-se em tópicos específicos como possessão espírita, misticismo, feitiçaria, animismo, bruxaria, veneração dos antepassados e magia. Análise da fusão das religiões mais relevantes do mundo com crenças e tradições locais.*

Geografia 315: O Subcontinente Indiano (4 créditos). *Uma análise da Ásia Meridional e da sua geografia, com especial destaque dado à Índia. Avaliação das relações económicas entre a Índia e outras nações; estudo de padrões, questões e desafios especificamente relacionados com a geografia; e uma exploração da diversidade étnica, religiosa e linguística dos seus povos ao longo da história e da modernidade.*

2.º SEMESTRE

História da Arte 204 A: Da Pré-História ao Renascimento (4 créditos). *Um estudo de todas as formas de arte desse período com especial ênfase na relevância histórico-cultural.*

História 470: Mulheres na Sociedade Indiana (4 créditos). *Um exame da condição feminina na Índia, dos sistemas de crença femininos, do lugar cultural ocupado pelas mulheres na sociedade e da mitologia passada e presente associada.*

Metodologia do Trabalho Científico 135 (4 créditos). *Segundo ano da disciplina: a criação e desenvolvimento de documentação baseada em pesquisa.*

Ciência Política 203 D: Relações Internacionais (3 créditos). *Uma comparação das questões e das políticas globais de grupos mundiais com interesses similares e/ou concorrentes.*

Era oficial. Eu era uma aluna universitária. Bem, uma aluna universitária que também quebra maldições indianas seculares, pensei, recordando



a pesquisa a que Mr. Kadam dava continuidade na Índia. Ia ser difícil concentrar-me nas aulas depois de tudo o que lá acontecera. Era ainda mais bizarro saber que era suposto eu seguir em frente e retomar a minha antiga vida no Oregon. De certa forma, essa vida já não parecia servir-me.

Por sorte, todas as disciplinas me pareciam interessantes, sobretudo as que se debruçavam sobre religião e magia. As escolhas de Mr. Kadam tinham incidido em temas pelos quais eu provavelmente teria optado – à exceção de Latim. Franzi o nariz. *Nunca tive lá muito jeito para línguas. Que pena a WOU não ter uma cadeira que ensinasse alguma língua indiana. Seria bom aprender hindi, especialmente se tiver de regressar à Índia para concluir as três últimas tarefas na lista da profecia de Durga, para quebrar a Maldição do Tigre. Talvez...*

Nesse instante, a música *I Told You So*, de Carrie Underwood, começou a tocar na rádio. Limpei uma lágrima, imaginando que talvez ele encontrasse outra pessoa. Se estivesse no seu lugar, eu não me aceitaria de volta. Fosse como fosse, não queria pensar nele. Era demasiado doloroso. Afastei esses pensamentos e concentrei-me na perspetiva de começar a faculdade, na minha família adotiva e no facto de estar de volta ao Oregon, o que até era uma distração eficaz. Mas sentia o fantasma dele a pairar nos recessos silenciosos e escuros do meu coração.

Vou ter de me manter ocupada, decidi. Vou estudar que nem uma louca, visitar gente e... e sair com outros rapazes. Sim! É isso que vou fazer. Sair com outras pessoas e manter-me suficientemente entretida para não pensar nele. A vida há de continuar. Tem de continuar.

Quando fui para a cama, era tarde e estava cansada. Com uma pequena carícia a Fanindra, meti-me na cama e adormeci.

No dia seguinte, o meu novo telemóvel tocou. Era Mr. Kadam, o que me deixou simultaneamente entusiasmada e desapontada.

– Olá, Miss Kelsey – saudou-me alegremente. – Estou muito contente por saber que chegou sã e salva a casa. Espero que tudo esteja em ordem e a satisfaça?

– Não esperava nada disto – respondi. – Sinto-me culpada por ter aceitado a casa, o carro, o cartão de crédito e as propinas.

– Nem pense nisso. Foi com muito gosto que tratei de tudo.

– O que se passa com a profecia? Já a decifrou? – perguntei, incapaz de esconder a curiosidade.



– Estou a tentar traduzir o resto do monólito que descobriu. Depois de se ter ido embora, regressei ao templo de Durga e tirei fotografias dos outros três pilares. Parece que cada um representa um dos quatro elementos: terra, ar, água e fogo.

– Isso faz sentido – disse eu, recordando a profecia de Durga. – O primeiro pilar que encontrámos deveria dizer respeito à terra, porque se viam camponeses a oferecer frutos e cereais. Além disso, Kishkindha ficava debaixo de terra e o primeiro objeto que Durga nos pediu que procurássemos foi o Fruto Dourado.

– Sim. Bem, parece que também havia um quinto pilar, que terá sido destruído há muito tempo. Representava o elemento «espaço», que é comum na fé hindu.

– Ora, se há alguém capaz de descobrir o que se segue, é o senhor. Obrigada por ter telefonado – acrescentei, antes de ambos prometermos que nos manteríamos em contacto e desligarmos.

Analisei os meus novos manuais durante cinco horas e depois saí para ir a uma loja de brinquedos: queria comprar tigres de peluche cor de laranja e pretos para Rebecca e Sammy, pois esquecera-me de lhes trazer uma prenda da Índia. Apesar de saber que não deveria, acabei também por comprar um enorme tigre branco de peluche.

Quando regressei a casa, enterrei a cara no pelo do tigre. Era macio, mas não tinha o cheiro certo. O cheiro *dele* era maravilhoso, como sândalo e cascatas. Aquele animal de peluche não passava de uma réplica. Tinha olhos vidrados, de um azul-claro mortiço. Os olhos *dele* eram como cobalto brilhante. E as listas eram diferentes.

Mas o que se passa comigo? Não deveria ter comprado isto. Só vai fazer com que seja muito mais difícil esquecê-lo.

Tentando afastar aquele pensamento, mudei de roupa e preparei-me para ir visitar a minha família adotiva.

Para atravessar a cidade, escolhi o caminho mais longo a fim de evitar a feira de diversões do condado de Polk, onde me depararia com mais memórias dolorosas. Quando estacionei em frente à casa de Mike e Sarah, a porta escancarou-se. Mike correu na minha direção... mas não resistiu a ir ver o carro mais de perto.

– Kelsey! Posso? – perguntou-me num tom doce.

– Diverte-te – disse-lhe eu, a rir-me. *Continua o mesmo*, pensei, já a atirar-lhe as chaves para que ele pudesse dar umas voltas pelo quarteirão.



Sarah envolveu-me a cintura com um braço e levou-me para casa.

– Estamos tão contentes por te ver! Os dois! – gritou ela, de sobrolho franzido para Mike, que respondeu com um aceno feliz enquanto fazia marcha atrás pelo caminho de acesso.

– Ao início, quando foste para a Índia, ficámos preocupados, porque tu não telefonavas muito, mas Mr. Kadam ligava-nos dia sim, dia não. Ele explicou-nos o que tu estavas a fazer e disse-nos que andavas muito ocupada.

– Ai sim? E o que foi que ele disse ao certo? – perguntei, curiosa.

– Bem, é tudo muito entusiasmante, não é? Vejamos. Falou-nos do teu novo emprego, dos estágios que vais fazer todos os verões, para além de trabalhares com ele de vez em quando. Não fazia ideia de que te interessasses por estudos internacionais. É uma ótima escolha. Fascinante. Também nos disse que, quando acabares o curso, vais poder trabalhar para a empresa dele a tempo inteiro. É uma oportunidade fantástica!

Sorri-lhe.

– Sim, Mr. Kadam é o máximo. Não poderia desejar um patrão melhor. Trata-me mais como uma neta do que como uma funcionária e mima-me até mais não. Quero dizer, vocês viram a casa e o carro, e há também a história das propinas.

– Ele realmente falava de ti com muito carinho. Até admitiu que tinha passado a depender de ti. É um homem muito simpático. Também insiste que tu és... como foi que ele disse...?, «um investimento que terá um grande retorno no futuro».

Encarei-a com uma expressão duvidosa.

– Bem, espero que ele tenha razão quanto a isso.

Sarah riu-se e depois ficou séria.

– Nós sabemos que és especial, Kelsey, e que mereces coisas excelentes. Talvez isto seja a forma que o universo tenha encontrado de te recompensar pela perda dos teus pais. Embora eu saiba que nada poderá ocupar o lugar deles.

Assenti com a cabeça. Ela estava feliz por mim. E saber que eu teria a segurança financeira para poder viver confortavelmente sozinha devia ser um grande alívio para eles.

Sarah abraçou-me e tirou uma travessa com um odor estranho do forno. Colocou-a em cima da mesa e disse:

– Agora, vamos comer!



– Então... o que é o jantar? – perguntei, com um entusiasmo fingido.

– Lasanha de tofu e espinafres com massa biológica integral, queijo de soja e sementes de linhaça.

– Hum, mal posso esperar. – Forcei um sorriso.

Lembrei-me com carinho do Fruto Dourado mágico que tinha deixado na Índia. O objeto divino era capaz de fazer com que a comida mais deliciosa surgisse num abrir e fechar de olhos. Nas mãos de Sarah, talvez até uma refeição saudável soubesse bem. Dei uma dentada. *Pensando melhor...*

Rebecca, de seis anos, e Samuel, de quatro, entraram a correr na divisão e puseram-se aos saltos. Abracei-os e fi-los sentar-se à mesa. Depois aproximei-me da janela para ver se Mike já tinha voltado. Ele acabara de estacionar o *Porsche* e estava a caminhar às arrecuas para a porta da frente, fitando o carro.

Abri a porta.

– Hum, Mike, está na hora de ir para a mesa.

– Claro, claro. Já vou – respondeu ele, sem desviar o olhar do automóvel.

Sentando-me entre os miúdos, servi uma porção de lasanha a cada um e depois tirei apenas um pouco para mim. Sarah arqueou as sobrancelhas e justifiquei-me dizendo que tinha almoçado muito. Mike finalmente entrou e começou a falar com grande entusiasmo acerca do *Porsche*. Perguntou-me se lhe emprestaria o carro numa sexta-feira para levar Sarah a sair.

– Claro. Até tomo conta deles.

O seu rosto abriu-se num grande sorriso, enquanto Sarah revirava os olhos.

– Com quem é que queres sair, comigo ou com o carro? – perguntou-lhe.

– Contigo, claro, minha querida. O carro é só um veículo para mostrar a linda mulher sentada a meu lado.

Sarah e eu entreolhámo-nos e soltámos uma risada trocista.

– Boa, Mike – disse eu.

Depois do jantar, fomos para a sala de estar, onde ofereci os peluches às crianças, que gritaram, deliciadas, e começaram a correr pela sala a rosnar um ao outro. Sarah e Mike fizeram-me muitas perguntas sobre a Índia e falei-lhes das ruínas de Hampi e da casa de Mr. Kadam.



Tecnicamente, não era dele, mas eles não precisavam de o saber. Depois perguntaram-me como estava o tigre do circo de Mr. Maurizio a adaptar-se ao novo lar.

Estaquei, mas apenas por um instante. Depois, contei-lhes que estava bem e que parecia muito contente por se encontrar lá. Felizmente, Mr. Kadam explicara-lhes que passávamos muito tempo a explorar ruínas indianas e a catalogar artefactos. Tinha-lhes dito que eu era sua assistente, que registava e tomava nota das suas descobertas, o que não estava muito longe da verdade. Isso também justificava o facto de eu incluir História da Arte nos meus estudos.

Estar com eles foi divertido, mas um pouco esgotante, já que me obrigava a fazer um esforço para não me descair, contando-lhes algo demasiado esquisito. Eles nunca acreditariam nas coisas que me tinham acontecido. Por vezes, até eu tinha dificuldade em acreditar.

Por saber que se deitavam cedo, peguei nas minhas coisas e despedi-me. Abracei-os a todos e prometi que os visitaria na semana seguinte.

Quando cheguei a casa, passei mais duas horas a estudar e depois tomei um duche quente. Ao deitar-me no quarto às escuras, contive um grito quando a minha mão tocou ao de leve em algo peludo. Só então me recordei do peluche, que empurrei para a outra ponta da cama.

Não conseguia deixar de pensar *nele*. Queria saber o que estaria a fazer naquele instante, no que estaria a pensar e se sentiria a minha falta. Andaria de um lado para o outro na selva? Estaria a lutar com Kishan? Será que eu alguma vez voltaria à Índia – e será que queria? Sempre que empurrava um pensamento para o fundo da minha mente, surgia outro em seu lugar. Não podia vencê-los. Com um suspiro, estiquei o braço, agarrei na perna do tigre de peluche e puxei-o para mim. Abracei-o e adormeci nas suas patas.